Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Ana Maria Malanski Colli - anamariacolli@terra.com.br

A MULHER MAIS VERDADEIRA E MAIS REAL

RESUMO : O texto “A mulher mais verdadeira e mais real”parte do Seminário 10 de Lacan para articular os conceitos de desejo, gozo e angústia. Destaca que Lacan, ao formalizar a angústia em relação ao objeto a, rompe com a visão linear freudiana e introduz o registro do Real.
A angústia, que não engana, revela o ponto em que o sujeito se confronta com o impossível e com o resto que escapa à simbolização. No plano da sexualidade, Lacan inverte a tradição analítica ao afirmar que o homem é o carente e que a mulher, em sua relação mais direta com o gozo e o desejo do Outro, é a “mais verdadeira e mais real”. O caso clínico da paciente que diz “não importa que ele me deseje, desde que não deseje outras”ilustra essa posição feminina, onde a angústia surge diante do desejo do Outro e de seu caráter ilimitado.
PALAVRAS-chave: Desejo, angústia, gozo.

São Paulo
2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Ana Maria Malanski Colli - anamariacolli@terra.com.br

A MULHER MAIS VERDADEIRA E MAIS REAL

RESUMO : The essay “Women, Truer and More Real” draws on Lacan’s Seminar 10 to articulate the concepts of desire, jouissance, and anxiety. It emphasizes that Lacan, in formalizing anxiety in relation to the object a, breaks with the linear Freudian view and introduces the register of the Real.
Anxiety, which does not deceive, reveals the point at which the subject confronts the impossible and the residue that escapes symbolization. In the domain of sexuality, Lacan reverses the analytic tradition by asserting that man is the one who lacks, while woman, in her more direct relation to the Other’s jouissance and desire, is “truer and more real.” The clinical case of the patient who says, “It doesn’t matter that he desires me, as long as he doesn’t desire others,” illustrates this feminine position, in which anxiety arises in the face of the Other’s desire and its unlimited character.
Keywords: Desire, anxiety, jouissance.

São Paulo
2025

Neste texto, quero compartilhar um ponto de “O Seminário, livro 10: A angústia” em que Lacan nos provoca com o título “A mulher mais verdadeira e mais real”. A partir dessa frase irei articular desejo, gozo e angústia. Articular isso é falar de algo que nunca se dá por completo.

Um trabalho teórico com construções e desconstruções durante um ano e meio produz um efeito nos participantes que se ocuparam do seminário da Angústia. Ocupei-me da lição 14, que me pareceu interessante porque nela Lacan dá um passo decisivo na formalização da angústia em relação ao objeto a e articula conceitos que se tornam fundamentais em todo seu ensino posterior. Nessa lição, ele trabalha na clínica de sua paciente que diz: “Não me importa que ele me deseje, desde que não deseje outras”. Esse caso mostra como a angústia emerge diante do desejo do Outro e da impossibilidade de garanti-lo.

Foram necessárias ressonâncias, discordâncias e elaborações entre os participantes. Para tanto, há uma temporalidade que não se pode antecipar. Ao mesmo tempo, um conceito ou elaboração não se fecha no autor. Uma apresentação breve sobre um seminário com tantos conceitos não será sem consequências, mas neste trabalho atravessaremos as dificuldades. O que significa tolerar, não entender.

Trabalhar sobre a angústia em Lacan acarreta mesmo uma dificuldade na compreensão, porque o Real é o que não se compreende. É aquilo que não só não se sabe, mas não se diz. É antiintuitivo, não se entende.

Um conceito se constrói, ou seja, não está dado de entrada. Lacan, portanto, está a caminho, em direção ao objeto a (o Real).

Sem o real não há possibilidade nenhuma de pensar o valor clínico que a angústia tem na psicanálise. É o momento em que Lacan explicita que a angústia não é sem objeto. Ela se vincula ao objeto a como aquilo que escapa ao significante e aparece como resto.

Este seminário é o último antes de Lacan ser expulso da IPA. Até ali, ele vinha dando seus seminários ao longo de 10 anos. Lacan rompe com a lógica linear. Rompe com a ideia de que a angústia seria apenas um sinal de perigo ou defesa. Ele fundamenta a introdução do registro do Real.

Lacan se desenvolve para além de Freud, sem dizer os mesmos termos que ele sobre a angústia, mas com conceitos relacionados ao seu tempo. Transpôs certos termos que discrepam com os termos de Freud.

A angústia é uma conjuntura clínica da Psicanálise que junta os três registros (RSI).

Lacan formula duas perguntas:

- O complexo de castração se reduz a ameaça da castração ou Penisneid?
- A angústia se reduz à angústia de castração de Freud?

De certa maneira, Lacan inverte o conceito trazido por Freud. Chega a descrevê-lo, mas apoia-se nele para falar do objeto não mais como objeto fálico, objeto do desejo e sim objeto causa de desejo.

É uma passagem que ele constrói do imaginário do falo (menos phi) para o objeto a. Isso quer dizer que, para Lacan, a castração passa a ser o menos phi (detumescência do órgão).

O momento da detumescência faz cair o imaginário do falo e deixa aparecer um resto não simbolizável. Esse resto é da mesma ordem do objeto a. A imagem se desfaz e produz um efeito de perda. Algo desaba, não se sustenta no sentido e, portanto, estrutura o desejo. O objeto como causa de desejo.

Lacan opera uma disjunção entre Édipo e castração.

A angústia de castração no homem não é mais correlativa à ameaça proveniente do pai, mas passa a ter relação com a detumescência do órgão. O objeto não será mais, a partir de então, correlato à lei e ao desejo, mas um objeto cujo estatuto é anterior à lei e à sua significação fálica. Isso significa que o objeto aparece num registro pré-simbólico.

É o objeto ligado ao corpo e às suas zonas erógenas. Ainda não está regulado pelo falo como significante da falta. Esse objeto é, portanto, um resto real, que não entra totalmente no jogo da simbolização, mas que fica como um “antes” estrutural, reaparecendo como objeto a (seio, fezes, falo quando perdido, olhar, voz).

O objeto órgão, o pequeno a, não é mais determinado pela interdição, mas pela pura e simples separação. Pela angústia, Lacan elabora a função do objeto a e cerne o gozo singular ao sujeito, que escapaà operação universalizante do pai.

Se o menos phi me dá as coordenadas do que represento quando me olho no espelho, o que é então a angústia?

É uma inquietante estranheza. A angústia seria não a perda do que creio ser, o que vejo, que é a ilusão do espelho, mas a entrada no incomensurável, um corpo que rompe a ilusão de medida (um corpo sem texto).

A angústia não é uma ideia, não é algo que penso. Então, está claro porque se diz que a angústia não engana. E qual seria o significado de não enganar? Significa que não é significante. Lacan a conceitualiza como um afeto que revela o real em jogo, diferente dos outros afetos que podem ser ilusão.

Podemos começar a pensar esse bascular, essa distância entre um corpo imaginário e um corpo pulsional. Corpo pulsional é um corpo em pedaços que sobrou velado por uma ilusão totalizante do espelho. E, por isso, todo ser falante tem uma relação problemática com seu corpo.

A discordância predomina no falante.Há sempre uma convicção de insuficiência e a certeza de uma discordância. Por isso, o sexual é tão valorizado na psicanálise.

O sexual é o lugar onde se inscreve o irredutível da castração. Podemos entender esse irredutível como o ponto estrutural em que o sujeito esbarra no real da falta. A castração para Lacan é uma função lógica, o que quer dizer que é uma operação que introduz o limite necessário para que a linguagem funcione, o desejo se constitua e o gozo seja regulado. O desejo se sustenta nesta falta. O gozo se organiza em torno dessa barreira e a angústia denuncia quando esse impossível se apresenta cru, sem véu.

A castração funda a estrutura da falta que permite ao sujeito falar, desejar e se inscrever na cadeia significante.

Isso posto, no campo da nossa prática, é o campo do desejo que nos interessa e surgirá da relação que o sujeito estabelece com o Outro. Esse campo estabelece três tempos: no primeiro deles, em que o sujeito é desconhecido e é sempre efetuado para a psicanálise. Ele não está desde antes, ou seja, não se efetua como tal, dividido

como sujeito do inconsciente. O segundo tempo surge dessa relação com o Outro como sujeito do inconsciente, dividido. E o terceiro que se relaciona com essa operação em que faz surgir um resto que é o a. O objeto a surgirá como o resto dessa operação do sujeito com o Outro.

No começo de vida, o menino não tem como se orientar no desejo do Outro, ou seja, quem oriente é o imaginário (uma armadilha necessária). É necessário cair na armadilha porque, caso contrário,, não se orienta o “desejo”, que apareceria velado, articulado à imagem como aquilo que se suporta de uma falta.

Vemos como a angústia vem testemunhar algo que anda entre a falta, entre a ausência e entre a falha.

Lacan diz que há uma estreita relação entre objeto, angústia e desejo. Ele se apoia em Freud em seu conceito “das Ding”. Lacan toma o objeto como Freud, mas sustenta que o que inventou é não filiado, ou seja, excede ao significante. Não só não entra no espelho, como, inclusive, está mais além do significante.

Para Lacan, a angústia não seria pensável sem Kierkegaard. Foi ele que deu o estatuto de conceito à angústia quando escreveu o livro “A Angústia”. Não é o mesmo dizer “tenho angústia”. Ele conferiu a ela a dignidade de um conceito.

Para Kierkegaard, o ser humano tem terror ao vazio e a liberdade se mostra como um precipício. Ao ser humano se apresenta um vazio com a possibilidade da liberdade. O autor sustenta ainda que a angústia tem a ver com isso: querer algo, mas não ter garantia de que obterá a liberdade. O ser humano pode estar numa posição parasitária (identificado ao outro, submetido, servindo ao outro) gozando, queixando-se.

De repente, a liberdade, defende Kierkegaard, coloca ao ser humano um vazio existencial, porque não há garantias. A angústia é a vertigem da liberdade. O indivíduo sente ao mesmo tempo uma repulsa e uma atração. Ele diz que ao olharmos para um precipício, sentimos vertigem diante da possibilidade de nos sentirmos atraídos por ele, pela liberdade de escolha entre atirarmo-nos ou não no vazio.

Se há angústia diz Lacan é porque há uma posição para a fixação ao objeto de gozo, mas há também um sinal de que a pessoa quer sair dali.

Lacan colocou um conceito que é o Outro. Isso não estava em Freud. Lacan defendeu que o Outro está em primeiro. Esta é a estratégia de leitura e vai ser a estratégia para pensar o objeto e para poder pensar a gênese do objeto a.

Podemos, então, conceitualizar a respeito do objeto a, pois sua importância reside na saída do caminho da intersubjetividade. Como causa, esse sujeito é o sujeito do inconsciente, que é também o sujeito desejante. O objeto a é o objeto causador de desejo: resto da operação de castração, pedaços de corpo (seio, fezes, voz, olhar) que não são assimiláveis pelo significante.

Já o gozo é outra coisa: é a satisfação pulsional, que não obedece ao princípio do prazer e escapa ao cálculo do desejo.

Essa entrada no campo da angústia leva a considerar agora que Lacan estaria se perguntando sobre o significante no Real. Ele é levado a abandonar o apoio da linguística pois essa resulta insuficiente para o Real.

A ética da psicanálise é a ética do desejo e a angústia é anti-desejo. Do desejo advém o perigo, pois ele é inacessível, e é, por definição, infinito, sem nunca se fechar em uma síntese. A angústia é testemunha daquilo que impede a síntese. A síntese é o que me faz crer que sou isso que vejo e acreditar que sou o que penso. O sujeito lacaniano é estruturalmente dividido, não dialetizável, marcado pelo impossível.

A angústia é sinal de “moi” (eu) imagem construída que o sujeito apresenta no mundo (simbólico).

A angústia é signo do real (não é coisa do mundo).

Não é simples o reconhecimento da angústia. Há um obstáculo em relação à imagem que está em jogo.

No amor, a pessoa e a outra se metaforizam em um reconhecimento mútuo (amo ou sou amada no lugar de objeto). Na angústia, não me reconheço na imagem que o outro me devolve, algo fracassa (a questão da existência). No ponto de angústia não se encontra uma imagem que volta do outro (não há reconhecimento).

O que sou para o outro? E o outro me devolve nada. Não devolve que me odeia ou que me ama, que garantiria um lugar. Não devolve nada e, com isso, não se pode nomear. A angústia não vem de uma simples falta (a falta costuma mobilizar o desejo).

A angústia é a falta da falta. Essa irrupção do real é o que Lacan define como condição para a angústia: a proximidade do objeto a sem o anteparo protetor da imagem.

Lacan diz: a angústia é um passo antecedente do ato e do desejo.

Neste seminário da angústia, Lacan formula que a problemática fálica não é natural para a mulher, mas que a copulação se dá somente através do homem, porque o falo órgão e sua desaparição desempenham um papel essencial na copulação masculina.

Nesse caso, a posição masculina se coloca mais complexa do que a feminina, invertendo a tradição analítica (a feminina mais complexa e confusa).

Por quê? A detumescência (menos phi) complica e limita a relação do homem com o desejo. Esta particularidade anatômica será determinante para o que Lacan vai elaborar mais tarde sobre o objeto a.

Por isso a angústia do lado homem não se liga à ameaça paterna, se não a um “não poder” (não ser capaz) ou seja, a sua relação com um instrumento que falta, não está sempre disponível.

Kierkegaard sustentou que a angústia afeta mais facilmente a mulher. Lacan vai dizer que no nível do gozo ela está menos sujeita à angústia, porque seu gozo não depende da totalidade ou aprovação do Outro. Recorre ao mito de Tiresias que enuncia explicitamente a superioridade feminina no nível do gozo.

Sem dúvida, aqui coincide com Kierkegaard, pois isso faz com que se afete mais diretamente o desejo do Outro. “Mais diretamente” quer dizer que não passa por menos phi que, respeito ao desejo do Outro, não está protegida pelo objeto, enquanto ao homem interpõem um objeto.

Por que do lado feminino a angústia ante o desejo do Outro? Porque na medida em que ela não sabe o que este (menos phi) encobre, ela se encontra ante um Outro em falta, ou seja, encontra-se diante de um Outro cujo desejo não tem borda assegurada. Ao mesmo tempo, reconhece mais liberdade, respeito ao desejo do Outro, mais franqueza porque o objeto não a atrapalha. Neste ponto, o autor rende homenagem aos teóricos anglo-saxões da contratransferência, os quais veem uma maior facilidade para captar as incidências do desejo do Outro, porque o objeto não atrapalha a mulher.

Nesse seminário, ocorre uma inversão sensacional de tudo que foi a doxa analítica. O homem é o carente, porque na copulação ele coloca o órgão e se encontra menos phi. Ele aposta e é ele quem perde. Só pode reparar essa perda mediante o objeto, quando Lacan se regozija mostrando que a mulher permanece intacta, intangível, inclusive na copulação.

Neste seminário, Lacan nos apresenta a sexualidade feminina de uma maneira inédita, considerando a mulher como a “mais verdadeira e mais real” na sua relação com o Outro e o gozo, antes que ele formule o gozo feminino como não-todo nas fórmulas da sexuação.

A indicação de Freud de que para a mulher importa menos amar do que ser amada deu voz a Lacan para esse apontamento da relação da mulher com o gozo e o desejo. Ele lança mão do citado exemplo de seu caso clínico. Uma mulher, cujas insistências do marido eram um alicerce do casamento, percebeu que ele a largou por um bom tempo. Em vez de sentir um alívio de suas abordagens canhestras, ela disse: “não importa que ele me deseje, desde que não deseje outras”. E então falou de seu próprio estado, evidenciando que a tumescência não é privilégio do homem. Essa mulher que, segundo Lacan, tem uma sexualidade normal, quando se depara inesperadamente com um carro, apercebe-se da existência, inexplicável, de um inchaço vaginal. Reação ao surgimento de um objeto estranho à esfera sexual, esse estado de um certo estorvo cedia por si só. E ela emenda que todas as suas iniciativas eram dedicadas a Lacan, seu analista. Um objeto qualquer a obriga a invocá-lo como testemunha: seu olhar a ajuda a dar sentido a cada coisa.

Ela evoca ironicamente o encontro com o título de uma peça na juventude: “Viverei um grande amor”. Seu primeiro amor fora um estudante de quem fora separada, mas se mantivera em correspondência. E tudo que lhe escrevia era um tecido de mentiras, criando o personagem que desejava ser aos olhos dele.

Na análise, ao inverso, ela se esforça para ser verdadeira. “O que ela queria era que meu olhar substituísse o seu”, diz Lacan. Ela se basta, não lhe falta nada. A presença do objeto se encontra ali, de quebra, porque não está ligada ao (menos phi).

Enquanto a angústia no homem se liga à possibilidade de não poder, o que interessa à mulher é o desejo do Outro. A paciente de Lacan faz questão do desejo enfermo do marido e a impotência dele pode ser muito bem aceita, assim como seus

deslizes técnicos. Sua angústia se dá diante do desejo do Outro, que ela não sabe muito bem o que encobre. Lacan rompe com a tradição porque o sexo é tomado, não na idealidade da diferença sexual, mas em relação com o objeto a. Fazer amor não consiste em se encontrar como homem e como mulher, mas em extrair do corpo o objeto a, um gozo.

Não seria esse aspecto do desejo feminino que a paciente de Lacan revela ao dizer que pouco importa que o marido a deseje, o que é relevante é que ele não deseje as outras?

Há nesse enunciado um paradoxo que nos permite inferir que, por não desejar outras, é que o olhar desse homem a elege como uma mulher, como objeto de desejo dele. Ela é amada na medida em que as outras não o são. Importa, portanto, o que ele deseja, ou seja, ela não ancora tanto no desejo endereçado a ela, mas na borda que limita o desejo do Outro.

É a partir dele que ela se localiza como mulher desejada, mesmo que se queixe quando ele a procura insistentemente.

Se ele a deseja, ainda resta a questão: O que ele quer de mim? Mas, se ele não deseja outras, cria-se uma borda simbólica que a protege desse enigma. O desejo do Outro, em sua dimensão ilimitada, toca o ponto de gozo não todo, impossível de nomear. Não pode ser totalmente recoberto pelo significante. É aí que surge a angústia.

Não importa se a mulher está mais exposta à angústia que o homem. O que importa é apreender a ligação da mulher com as possibilidades infinitas do desejo no campo que se estende ao redor dela.

Referências

Lacan, J. A angústia. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 201, 207, 209.

Lacan, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1959-1960, pp. 289-303.